

# Professor da UFG diz que quer o fim da greve

“Acho que esta greve já se exauriu e está levando os professores a um estado de apatia, porque a gente observa que não está haendo progresso nas negociações”, afirmou, ontem, a professora Zuleika Duarte Alves, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás, ao término da assembléia, realizada na Faculdade de Educação, e que votou pela manutenção da paralisação dos docentes da UFG, que já completa três meses. “Quero voltar a trabalhar”, disse ela, queixando-se do longo período de duração do movimento que, conforme avaliou “está desgastado”. A professora se mostra preocupada com o calendário letivo dos alunos da 1ª fase do Colégio e defende a reposição integral das aulas.

Outra professora, Iná Borges Moreira, também diz que a greve já chegou à exaustão, e disse que a assembléia marcada para amanhã, às 14 horas, no mesmo local, decretará o reinício das aulas na UFG, com o fim da paralisação. “O que estamos vendo é o Governo aniquilar de vez com

o ensino público no país, em todos os níveis”, disse, salientando que a manifestação da categoria pela universidade gratuita repercutiu na solenidade como um alerta. “Sou pela volta às aulas após a próxima assembléia”, falou.

A decisão dos professores da UFG em continuar de braços cruzados se deu em razão de o Ministério da Educação não ter apresentado nenhum documento formal contendo as propostas para atendimento às reivindicações da categoria. “Vamos esperar até sexta-feira que nos seja apresentado um protocolo de intenções garantindo nossas conquistas e assinado pelos ministros da Educação, da Economia e Justiça. Não podemos confiar apenas em promessas verbais”, assinalou a presidente da Associação dos Docentes da UFG (Aduf), Ieda Burjac. As correções na tabela salarial dos professores fixam o novo piso em Cr\$ 105 mil. A proposta do MEC será posteriormente transformada em projeto de lei para ser apreciado pelo Congresso Nacional.